

ACONSELHAMENTO PASTORAL NUMA PERSPECTIVA LIBERTADORA

Nelcy Teresinha Zwirtes¹

RESUMO

Reflexões sobre o “aconselhamento pastoral e a poimênica”. Esta é uma prática como prática pastoral ainda pouco conhecida na realidade das comunidades eclesiais brasileiras, talvez até latino-americanas. Discorre-se brevemente sobre sua história, suas concepções nas Igrejas Protestantes e Católicas e finaliza-se com algumas conclusões relevantes.

Palavras chaves: Aconselhamento Pastoral. Poimênica. Relação de ajuda. Sofrimento humano. Crises, conflitos pessoais e interpessoais. Libertação. Vivência da Fé. Contexto Eclesial. Contexto Social.

ABSTRACT

Reflexion concerning “pastoral cousseling and poimenic.” This is a pastoral pratice still little known in the reality of Brazilian eclesil communities, perhaps even in Latin-amrican ones. It is discoursed briefly about its history, its conception in Protant and Catholic and lastly some relevant conclusions are drawn.

Key-words: Pastoral Couseling. Poimenic. Help Relation Human Suffering. Crises. Personal and Interpersonal Conflicts Liberation. Livin of Faith. Eclesial Context. Social Context.

¹ Graduação em Teologia e Ciências Físicas e Biológicas - Mestre em Teologia- Especialização em Ensino Religioso (Concluindo).

1 INTRODUÇÃO

Ao entrarmos no novo milênio levamos conosco a realidade de violência, de insegurança, das drogas, da busca de prazer e de solução para os problemas. Em meio a tantas necessidades e gritos os humanos se agitam, correm para terapias de entre-ajuda no intuito de encontrar o bem-estar, a felicidade, a beleza, a alegria, o sentido da vida. Querem “encontrar-se”, viver uma “certa” estabilidade, segurança pessoal e social.

Neste contexto, surge o *aconselhamento pastoral* como uma relação livre entre pessoas que procuram por ajuda em momentos difíceis e conflitivos da vida a fim de encontrar a superação e direção da caminhada. Seu objetivo, além de descobrir o significado concreto da liberdade cristã, é ajudar para que possam viver a relação com Deus, consigo mesmas e com o próximo de uma maneira consciente e adulta.

O termo “aconselhamento pastoral” é uma tradução para o português da palavra inglesa *pastoral counseling*, usada especialmente no contexto norte-americano do séc. 20. Nasceu no berço da psicologia e psicoterapia não-diretiva e centrada na pessoa de Carl Rogers, cuja prática enfocava a auto-ajuda das pessoas através da compreensão dos seus conflitos interiores e da “re-educação” emocional que, além da solução do problema imediato, visava melhorar a sua capacidade de resolver os seus problemas futuros. Em outras palavras, que aprendesse a viver e administrar a sua vida com autonomia e responsabilidade.

A partir dos anos 50 a visão e o método rogeriano de aconselhamento foram amplamente divulgados em muitas igrejas dos Estados Unidos e desde 1970 na Europa. Nesta época constata-se também uma abertura da teologia e do trabalho pastoral, levando a uma diversificação metodológica e um aumento da qualidade e capacidade profissional dos conselheiros para as Igrejas. Essa experiência que chegou também ao Brasil, seguindo os

exemplos das igrejas citadas, destacando Portugal. Hoje, já se buscam nas universidades e faculdades religiosas de todo país os cursos de Graduação em Aconselhamento e os cursos de especialização em Relação de Ajuda. Mais, está-se a caminho do reconhecimento pelo MEC como profissão dos profissionais da solidariedade e ajuda mútua.

Além da formação acadêmica, do conhecimento teórico, é preciso uma vivência prática. Por este motivo faz-se necessário a capacitação de agentes que possam assumir sua responsabilidade como cidadãos que se engajem em favor da melhoria das condições de vida do povo numa sociedade livre, democrática e justa. Se você é solidário, interessado nas pessoas, carinhoso, afetivo, acolhedor, você é um conselheiro em potencial.

2 ACONSELHAMENTO PASTORAL E POIMÊNICA: uma tarefa das comunidades cristãs

Aconselhamento pastoral é uma relação de ajuda às pessoas através da conversação e outras formas metodologicamente refletidas no processo de superação de dificuldades e falta de direção na vida. Seu objetivo é descobrir com as pessoas em diferentes situações, especialmente em conflitos e crises, o significado concreto da liberdade cristã, o direito de viver e a auto-aceitação que vêm de Deus. Outrossim, quer ajudar o ser humano para que possa viver a relação com Deus, consigo mesmo e com o próximo de uma maneira consciente e adulta. Para que isso possa acontecer, há necessidade de capacitá-lo para que possa assumir a responsabilidade como cidadão e se engajar na luta por melhores condições de vida do seu povo numa sociedade livre, democrática e justa.

O aconselhamento pastoral é uma dimensão da *Koinonia*, assim como a catequese, o culto, a missão e a diaconia. Ele é um serviço de orientação e de informação que inclui processos de aprendizagem e de compromisso com a missão do anúncio do evangelho, da mudança de

vida e do testemunho da fé através de uma vida cristã engajada.

Nas comunidades cristãs encontramos várias e diversificadas propostas como alternativas de intervenção juntos às pessoas em situações de crise e de conflito, o que pode acontecer nas diferentes fases da vida humana. Entre as propostas podemos citar a “psicologia pastoral”, a “cura d’almas” e o “cuidado pastoral”, sinônimo de “poimênica”, indicando o cuidado e a atenção que devemos ter junto àqueles que precisam de acompanhamento. Bem explica SCNHEIDER-HARPPRECHT (1998, p. 292). falando dos fundamentos do aconselhamento pastoral:

[...] descobrir com as pessoas em diferentes situações da sua vida e especialmente em conflitos e crises o significado concreto da liberdade cristã dos pecadores cujo direito de viver e cuja auto-aceitação vêm da graça de Deus.[...] é também ajudá-las para que possam viver a relação com Deus, consigo mesmas e com o próximo de uma maneira consciente e adulta. [...] inclui a capacitação das pessoas para assumirem a sua responsabilidade como cidadãos que se engajam em favor de uma melhora das condições de vida do seu povo numa sociedade livre, democrática e justa.

O aconselhamento pastoral é mais conhecido no âmbito das Igrejas Luteranas onde é assumido como prática da poimênica. A “poimênica”, do grego “*poimen*”, é a “arte de pastorear” ou de cuidar do outro. A poimênica, como cuidado pastoral, acompanha o ser humano por toda a sua vida, estando ele em situação de crise ou não. A tarefa do cuidado e da atenção acontece nas diferentes funções pastorais tais como: a catequese, a pregação, a ação social,

entre outras. Na Igreja Católica usa-se o termo pastoral para indicar este ministério.

São os participantes das comunidades cristãs ou fora delas que procuram ajuda e/ou prestam este serviço. Sendo assim, tanto a poimênica como o aconselhamento pastoral devem ocupar lugar especial na missão interna e externa da Igreja, como nos propõe Clinebell (CLINEBELL, 1998, p. 14).

2.1 Concepções de aconselhamento pastoral nas Igrejas Protestantes

A realidade contextual que nos cerca aumenta, muitas vezes, a angústia na vida das pessoas e as faz ir ao encontro de recursos internos e externos que lhes possibilite o resgate de sua dignidade o objetivo de sua vida. Na opinião de Clinebell (1998, p. 9). O aconselhamento pastoral deve visar a libertação e o crescimento do sujeito capacitando-o para a vivência da compaixão para com os semelhantes e, um envolvimento para o fortalecimento e o engajamento na luta por uma sociedade mais humana e mais cristã.

Como menciona Clinebell (1988,p.29), o aconselhamento pastoral deve potencializar o crescimento da pessoa em direção à integralidade de todos os aspectos da vida:

[...] avivar a mente, revitalizar seu corpo, renovar e enriquecer seus relacionamentos íntimos, aprofundar sua relação com a natureza e a biosfera; crescer em relação às instituições significativas em sua vida, aprofundar e vitalizar seu relacionamento com Deus.

A exercício do aconselhamento pastoral assim entendido, lida com o “[...] processo de mudança de identidade, de posturas, de pensamentos, de sentimentos e relações interpessoais que se refletem no comportamento

das pessoas.” (SHNEIDER-HARPPRECHT. 1998, p. 293). E, como prática metodologicamente refletida e organizada, ajuda às pessoas que apresentam problemas de saúde, psíquicos, sociais e/ou religiosos, através de encontros de curto ou médio prazo. Assim enfocado conduz para uma auto-ajuda através da compreensão dos conflitos interiores e da “reeducação” emocional, visando a solução de problemas imediatos e a capacitação para enfrentar os problemas futuros.

Conforme Clinebell (1998, p. 29), esta relação interpessoal ajuda e capacita as pessoas para se tornarem agentes de renovação em nossa Igreja e sociedade que necessitam de renovação. O ser humano liberto não permanece mais o mesmo. Ele sabe transformar a cura e o crescimento pessoal num serviço às pessoas em necessidade, estabelecendo novas relações sociais.

Há várias dimensões no aconselhamento pastoral, conforme nos mostra a prática nas Igrejas Protestantes.

2.1.1 O aconselhamento pastoral educativo

Segundo o autor, aconselhamento é um processo educativo que integra intuições e habilidades dinâmicas com o objetivo de promover a integralidade das pessoas, pois “[...] implica em comunicação personalizada de conhecimentos, conteúdos da fé, valores e aptidões de enfrentamento, como parte essencial do processo de aconselhamento.” (CLINEBELL, 1998, p. 312).

Utilizando habilidades e sensibilidade, ele ajuda as pessoas a entender, avaliar e aplicar a informação relevante, para enfrentarem situações específicas em sua vida, estabelecendo um relacionamento mais harmonioso, na medida em que aprendem a ouvir disciplinarmente e responder aos seus sentimentos. Por isso o autor insiste para que os objetivos se direcionam para

[...] descobrir quais fatos, conceitos, valores,

conteúdos de fé, habilidades, orientação ou conselhos necessários para pessoas no enfrentamento dos seus problemas; comunicar os mesmos diretamente ou ajudar pessoas a descobri-los [...]; ajudar pessoas a atualizar essa informação para compreenderem sua situação, tomarem decisões sábias ou lidarem construtivamente com os problemas. (CLINEBELL, 1998, p. 315).

Para que o exercício do aconselhamento educativo seja benéfico é preciso ouvir atentamente a pessoa e interagir com ela para descobrir suas necessidades e perceber sua estrutura interior e interpessoal. Jamais devemos oferecer informação ou conselho antes de entender as reais necessidades e sentimentos de quem nos fala, pois estaríamos enfraquecendo o diálogo e conseqüentemente a confiança do aconselhando no aconselhador.

O aconselhador compartilha aspectos de sua experiência, intuição e conhecimento que percebe úteis para a situação problemática do sujeito em aconselhamento para que ele possa encontrar seu próprio método. Jamais tenta convencê-lo a adotar determinado método para enfrentar os próprios problemas. Sua atitude é de encorajamento para lutar com o material comunicado, utilizando o que se aplica à sua realidade e esquecer o resto. No aconselhamento educativo, o objeto de maior peso é a *pessoa* e não as idéias. A assimilação cognitiva

[...] fornece recursos aos próprios processos de pensamento da pessoa pelos quais ela busca abordagens construtivas para problemas atuais ou experiências futuras

(casamento, paternidade/maternidade, entre outros). (CLINEBELL, 1998, p. 316).

O aconselhamento educativo combina métodos de orientação indutivos e dedutivos, em proporções variáveis que servem para ajudar a pessoa a relativizar suas emoções e conflitos interiores, que dificultam sua capacidade de entender, avaliar, selecionar e utilizar as idéias relevantes.

A exemplo de um treinador em qualquer time de futebol ou outro jogo, o aconselhador educativo capacita a pessoa para tomar as próprias decisões e enfrentar as situações de forma positiva. Sua tarefa é transmitir conhecimento especializado. Ele deve estar atento e ajudá-la a interagir com os impulsos, medos, conflitos e preconceitos enfrentados antes de tomar uma decisão. Informação sábia e relevante sempre está relacionada com o mundo interior de significados e valores da pessoa.

O autor aponta duas categorias de aconselhamento educativo: o aconselhamento em que as pessoas vêm a pedido de alguém que as encaminham e aquele em que ela mesma toma a iniciativa, procurando orientação para seus problemas. Em qualquer método, é preciso relacionar-se afetuosamente, empática e abertamente, estabelecendo um relacionamento forte e confiante; estabelecer uma estrutura de funcionamento para as sessões de aconselhamento; reduzir qualquer sensação de ameaça, de modo que a pessoa se sinta livre para revelar necessidades e preocupações; perceber a disposição da pessoa para aprender e a sua conscientização a respeito dos problemas; concentrar a discussão em sentimentos e problemas atuais; tomar tempo para ensinar habilidades úteis de comunicação, deixando tempo para exercitá-las durante e entre as sessões; oferecer artigos e capítulos de livros, criteriosamente selecionados, para serem lidos e discutidos. O aconselhamento educativo capacita as pessoas a descobrir

e desenvolver seus talentos e capacidades, dados por Deus, e estabelecer um relacionamento confiante com Ele. (CLINEBELL, 1998, p. 320).

2.1.2 Aconselhamento espiritual

Outro aspecto do aconselhamento pastoral é a sua dimensão espiritual. Este tem como objetivo “[...] ajudar as pessoas a crescer na profundidade e vitalidade de sua vida espiritual, de modo que ela potencialize todos os aspectos de sua vida.” (CLINEBELL, 1998, p. 106). Os conselheiros são chamados a ser geradores de integralidade espiritual porque sua formação teológica os enriquece com recursos e aptidões que devem ser usados, seja como professores, orientadores ou treinadores da vida espiritual, em todos os aspectos do seu ministério.

Na tarefa de possibilitar cura e crescimento espiritual, o aconselhamento sensibiliza as pessoas para uma compreensão real das necessidades espirituais da humanidade e sua capacidade de ajudar os seres humanos para aprenderem a satisfazer estas necessidades da melhor forma possível. Os conselheiros as auxiliam para preencher símbolos e histórias tradicionais com significados pessoais novos e fomentar o crescimento em direção a uma fé mais madura e a um “[...] relacionamento com Deus que implique mais vitalidade e crescimento.” (CLINEBELL, 1998, p. 100).

Ser eficaz nesta missão significa estar atento aos problemas apresentados e reconhecer a sintonia que existe entre os aspectos psicossociais e espirituais que aparecem afim de tratá-los devidamente. Muitos problemas apresentados pelas pessoas em aconselhamento são causados pela ansiedade existencial, pelo “não-ser” como nos diz Tillich (1972, p.13). A ameaça de não-ser provoca na pessoa a ansiedade existencial que pode se apresentar de três formas distintas: ameaça de destino e morte, de vazio e perda de sentido, de culpa e condenação. A ansiedade é a consciência da finitude. Na opinião de

Erikson, os jovens, no final da adolescência, estão altamente expostos a problemas relacionados com a sua identidade básica e, por isso, à ansiedade existencial. (ERIKSON, 1972, p. 133).

As pessoas usam muito a religião para enfrentar essa ansiedade existencial (psicologicamente falando), o que significa cultivar uma das formas da idolatria: a divinização de posses, saúde, sucesso, drogas, lazer, sexo, entre outras, transformando-os em “preocupação incondicional” (Tillich, 1972). Porém, “[...] a única maneira de lidar com a ansiedade existencial é uma vida religiosa autêntica, que possibilite a realização da imagem de Deus dentro da pessoa”, como afirma Clinebell (1988). A religião que incrementa a vida capacita as pessoas a assumir a ansiedade existencial de forma positiva.

À medida que aprendemos a relacionar-nos com Deus, com os outros, com a natureza e com nosso próprio ser interior, satisfazendo as necessidades básicas, fazemos crescer o nosso desenvolvimento espiritual. E, satisfazemos as necessidades de:

- 1) desenvolver uma filosofia de vida viável; um sistema de crenças e símbolos vivos que dêem sentido a sua vida; 2) desenvolver imagens e valores criativos para orientar construtivamente seu estilo de vida; 3) ter um relacionamento e um compromisso crescentes com um Deus amoroso, interagindo e ativando a vida; 4) desenvolver seu self superior (Assogioli) ou sua alma como o centro de todo o seu ser; 5) renovar regularmente sua confiança básica (Erikson) para manter a esperança em meios às perdas e tragédias de sua vida; 6) descobrir modos de passar da alienação, da culpa, para a reconciliação do perdão; 7) desenvolver formas de fortalecer

a auto-estima e de reduzir o narcisismo alienador (orgulho), acompanhadas da consciência de serem profundamente valorizadas por Deus; 8) ter momentos regulares de transcendência, “experiências-pico” (Maslow) místicas, em que experimentam o eterno em meio ao tempo; 9) pertencer a uma comunidade solícita (igreja) que as nutra e sustente em sua jornada espiritual. (CLINEBELL, 1998, p. 104).

As necessidades religiosas só podem ser satisfeitas adequadamente na relação com Deus que, segundo Tillich (1972), é a “realidade última”. Vivemos uma crucial realidade de anseios, de confusão e de vazio espiritual que a velocidade da mudança social produziu, desestruturando sistemas tradicionais de crenças, símbolos, significados e valores religiosos das pessoas. A proposta do “aconselhamento pastoral na dimensão espiritual contribui para que possamos desfrutar uma relação aberta e crescente com Deus”. Quando renovamos o sentimento de confiança básica e vivemos com alegria a nossa vocação tornamo-nos “[...] parceiros ativos, co-criadores do Espírito do universo na transformação do mundo” e resgatamos a nossa essência porque Deus criou o homem “à sua imagem e semelhança” (Gn 1,26-27). Descobrir e desenvolver a imagem de Deus na vida da pessoa é a tarefa-chave do trabalho de crescimento espiritual, continua Hoch (1999, p.13).

Dedicar-se a esta tarefa exige constante atualização. Para Hoch (1999), é preciso estar atento aos estudos realizados sobre o cérebro humano que aponta a necessidade de abrir o aconselhamento pastoral ao universo das emoções. Aspecto este que tem sido negligenciado pela Igreja, por muito tempo. A lógica do cérebro e a lógica da fé incluem a emotividade.

Toda a vida humana está marcada pelas experiências fortes das emoções e é nesses momentos que, normalmente,

a pessoa faz a experiência de Deus estar mais próximo ou mais distante de sua vida. São as escolhas que ela faz a partir de seu interior. Também a vida de Jesus foi assim. Nos momentos de profunda emotividade fez a experiência íntima de Deus Pai, que O sustentou e capacitou para enfrentar as realidades alegres e sofridas da convivência com a humanidade.

As pessoas e as experiências marcantes, perpassadas pelo amor, pelo afeto e pela solidariedade nos testemunham o Deus que se encarna, se aproxima da pessoa e usa de compaixão. A experiência de aceitação concreta possibilita à pessoa viver a sua fé. Por tanto, continua o autor, é preciso que o aconselhamento e a teologia, recuperem a lógica das emoções e a mística da fé. “Ou integramos as emoções na vida psíquica e na nossa fé ou acabamos vivendo nossa fé de uma forma parcial e, em casos extremos, até mesmo duma forma doentia.” (HOCH, 1999, p. 13).

Os conselheiros, seguidores de Clinebell, reconhecem que o aconselhamento pastoral espiritual deve orientar as pessoas no uso adequado da oração, da meditação e de outros subsídios religiosos (imagens, conceitos, histórias, orações, bíblia, entre outros), ferramentas valiosas que podem ajudá-las a abrir-se ao poder criativo do amor de Deus, que é testemunhado no “amor ao próximo” (1 João 4,20-21).

O texto “*O caminho da Sabedoria no aconselhamento pastoral*” de Daniel S. Schipani vindo até nós recentemente traz uma ótima reflexão teológica sobre a tradição bíblica da sabedoria que perpassa a missão dos conselheiros. O texto nos leva pensar o tema do aconselhamento pastoral de forma mais ampla do que “técnicas psicológicas adaptadas a um contexto religioso”. Segundo o autor os aconselhadores pastorais participam da práxis de Deus. “Procuram ser inspirados, sustentados e orientados pelo Espírito de Deus.” (SCHIPANI, 2004, p. 87). Eles assumem o papel de promover o crescimento, seguindo o caminho de Jesus, guiando as pessoas para a verdade.

2.1.3 Aconselhamento grupal

A dimensão grupal é outro aspecto importante a ser considerado no aconselhamento pastoral. Ele enfatiza o “estar junto com o outro”, cooperando, recebendo e exercendo influência mútua. É uma experiência oposta, na perspectiva da separação e da individualidade. Nele existe uma constante troca de afeto mútuo entre os indivíduos. O apóstolo São Paulo, numa de suas cartas, utiliza a imagem do “corpo de Cristo” (1Cor 12), em que cada parte serve o todo e deste obtém sua identidade.

A participação do processo natural da vida, exige “ajustamento físico, emocional, espiritual, sexual e social” das pessoas no contexto social em que vivem. Este ajustamento não tem prazo determinado para acontecer, pois depende de vários fatores que podem facilitar, dificultar ou até mesmo impedir o processo. Por isso, o aconselhamento em grupo nas comunidades eclesiais pode ajudar o processo de ajustamento de seus participantes, para que elas ativem seus próprios recursos na estruturação de sua vida e se responsabilizem pela direção que a ela darão (MULLER, 1999, p. 55).

Na opinião de Clinebell os grupos pequenos, com sua metodologia natural, testada ao longo da caminhada da Igreja, são fatores dinâmicos de vitalidade da Igreja, fatores de potencializações e transformações pessoais. Eles oferecem oportunidades para desenvolver habilidades interpessoais, capacidades de liderança, aprofundamento espiritual e disciplina intelectual. “Pequenos grupos de comunhão e crescimento são a maneira mais eficaz de restituir à Igreja o poder transformador”. (CLINEBELL, 1998, p.338).

Eles assumem também a função da cura e do crescimento, do aconselhamento e da terapia de crises, permitindo o desenvolvimento da confiança grupal e do relacionamento profundo.

O objetivo fundamental do aconselhamento grupal,

continua o autor, é o crescimento pessoal dos participantes, incluindo os aspectos emocional, interpessoal, intelectual, espiritual, físico, político e social dos participantes. O próprio grupo torna-se um grupo de apoio e cura espiritual durante as crises pessoais dos indivíduos na busca de soluções para problemas comuns no modo de viver e aumentar a eficiência interpessoal. O grupo fortalece a identidade, desenvolve novas aptidões de inter-relacionamento, desenvolve a própria fé e os valores éticos responsáveis.

O grupo torna-se gradativamente uma “[...] comunidade terapêutica”, (HOCH, 1998, p. 26). É um grupo de pessoas em situações de sofrimento que se encontra para compartilhar experiências, consolar-se reciprocamente, buscar soluções em conjunto para os seus problemas. É um grupo que busca viver relações genuinamente sadias através do afeto, atenção, complementaridade. A relação sadia com Deus expressa-se na busca das relações humanas mais sadias e no engajamento em favor das condições de vida do povo “[...] numa sociedade livre, democrática e justa” (SHNEIDER-HARPRECHT, 1998, p. 292). Conseqüentemente, ele vive uma outra dimensão igualmente importante que é a dimensão libertadora.

Na opinião de Hoch, o aconselhamento pastoral libertador é uma função comunitária cuja expressão é a da própria vida comunitária, pois as pessoas, em qualquer cultura, convivem, participam da vida pública e particular, comunicando-se sobre as suas dificuldades, nas diferentes relações sociais nas quais estão engajadas. O aconselhamento pastoral está a serviço da busca do povo de Deus por libertação global dos seres humanos e da sociedade. Seu objetivo consiste em dar atenção as manifestações pessoais e particulares de sofrimento ao longo do processo coletivo de luta. Em qualquer cultura, onde pessoas convivem, proporcionando calor, sustento, apoio e cuidado o aconselhamento pastoral acontece (HOCH, 1980, p. 17).

Ele exige que os conselheiros se tornem sensíveis ao sofrimento e estejam atentos aos componentes psicológicos do sofrimento causado pelo sistema, ajudarem a descobrir as causas estruturais que geram o sofrimento, continua Hoch. Devem contribuir para o crescimento integral da pessoa em todas as dimensões. Mas também devem cuidar de si próprios e buscarem uma estrutura interna que os “[...] ajude a suportar o desgaste resultante da luta ao lado do povo, de modo que possam levá-la avante sem vacilar.” (HOCH, 1980, p. 39-40).

2.1.4 Aconselhamento pastoral culturalmente sensível

Estar com o povo, dar atenção para a cultura e às maneiras de se comunicar com as diferenças culturais é uma preocupação crescente no contexto latino-americano, onde diferentes formas de vida convivem com suas maneiras peculiares de lidar com as crises e as dificuldades.

Entende-se cultura como um processo histórico de significação através do qual acontece uma mudança tanto das pessoas como do mundo em que interagem; devido a isto constituem um mundo com novo sentido. Conforme Peresson (1994, p. 26, tradução nossa) a cultura é constituída pelo:

Conjunto de imaginários coletivos, as representações mentais, os sistemas de significação e as estruturas simbólicas mediante os quais os povos ou um grupo social específico entende [...] o real, representa seu mundo, interpreta-o atribui-lhe sentidos e organização e o constrói conceitual e simbolicamente.

O autor continua esclarecendo que as culturas populares são extremamente religiosas. Ignorar o aspecto

religioso significa não entender o que o povo pensa e como ele se articula. O aspecto religioso é considerado um aspecto fundante, fazendo parte da própria cultura (PERESSON, p. 109).

O aconselhamento pastoral faz parte de culturas específicas que têm seu estilo de comunicação, de significado da linguagem não-verbal, de percepção do espaço interpessoal, de expressão da afetividade e de relacionar-se. O aconselhador deve estar atento às diferentes formas de expressão que vão acontecendo nas relações interpessoais, nos lembra Harprecht. Segundo ele, precisamos nos ajudar a compreender o jeito de cada cultura se expressar. Isto é, por exemplo, a voz alta da cultura ocidental branca, seu jeito de ter contato visual com o outro, de tentar ser objetivo, não expressando as emoções, completamente diferentes da cultura hispânica cuja fala é baixa, evitando o contato visual direto. (SHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 73).

Para este autor, o aconselhamento pastoral culturalmente sensível, deve ter grande consideração para com as manifestações de religiosidade popular, às práticas de aconselhamento e terapia integral, tais como benzedura e rituais de religiosidade afro, na América Latina. Elas são uma maneira próprias de fazer com que o aconselhamento oficial reconhecido como instrumento do poder pastoral possa aproximar-se do povo pobre e assumir a dimensão da cultura popular (SHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 302).

O Brasil é um país com uma grande diversidade cultural. Muitas culturas convivem sob a camada da cultura nacional unificadora que se identificam pelas dimensões da resistência, esperança e espírito lúdico. Esta diversidade cultural, segundo Schneider-Happrecht (1998, p. 310-311), “[...] resulta da história de colonização, imigração e escravidão, é uma realidade que deve ser considerada e assumida pelos aconselhadores na prática do aconselhamento pastoral.” Nosso compromisso é evitar

um aconselhamento pastoral que seja dominação de uma cultura sobre a outra e assim repetir a história vivida em terras brasileiras.

Num contexto social em que as pessoas pobres sucumbem em sofrimento com um acúmulo de problemas esperando soluções imediatas, diz Schneider-Harpprecht, é urgente e necessário a implementação de um atendimento de curto prazo, próximo da moradia dos pobres, trabalhando vários métodos, integrando as necessidades de cura física, psíquica e espiritual. Os conselheiros devem inculturar-se no contexto das pessoas empobrecidas, valorizar as suas tradições e o saber da cultura popular, tornar-se cooperadores dos curandeiros. Devem relacionar-se com os diferentes grupos religiosos, reconstruindo e fortalecendo as redes sociais no grupo familiar e na comunidade que serve de apoio às pessoas (SCHNEIDER-HARPPRECHT, p. 77).

Os aspectos culturais sempre aparecem nas interpretações psicológicas, sociológicas e teológicas das histórias de vida dos aconselhados e as perpassam durante os processos de aconselhamento. À luz da grande experiência pascal de Cristo, o aconselhamento deve possibilitar a libertação e a justiça nas relações familiares, íntimas e públicas das pessoas e assim fazer acontecer a inculturação do evangelho. Em outras palavras é o que Suess quer dizer quando escreve que o Evangelho de Jesus Cristo e as culturas se permeiam mutuamente, pois a inculturação é a libertação e o caminho da libertação é a inculturação. A libertação gera relações sociais, estruturalmente simétricas, que possibilitam o diálogo como pressuposto do anúncio da Boa Nova e da celebração dos mistérios da salvação. (SUESS, 1986, p. 171).

Schneider-Harpprecht insiste na necessidade dos agentes que fazem o aconselhamento terem uma postura aberta. Além de serem treinados em aconselhamento, devem conhecer sua própria cultura e avaliarem suas opiniões a respeito da cultura do outro. Reconhecemos que

isto é uma tarefa muito difícil na realidade da cultura brasileira, pois há uma grande diversidade cultural. É preciso ter consciência clara dos próprios valores e pressupostos básicos; considerar o indivíduo e o contexto político, econômico, social, histórico e religioso como fontes que influenciam determinadas situações e perceber o impacto que causam na vida das pessoas aconselhadas e reconhecer-se como cidadão do mundo, interagindo com os demais seres humanos.

A postura sensível à diversidade cultural exige constante atualização de conhecimentos e métodos, continua Schneider-Harpprecht. Precisamos encontrar formas mais ágeis e breves para a prática do aconselhamento com pessoas empobrecidas, colocadas em diversas culturas. O autor nos desafia a repensar o ministério do aconselhamento com olhos e ouvidos atentos para as necessidades concretas do povo empobrecido. (SCHNEIDER-HARPPRECH, 2000, p. 87).

2.1.5 Aconselhamento pastoral contextualizado

O aconselhamento culturalmente sensível que nos obriga a olhar para o contexto social também deve considerar a dimensão estrutural que interfere na vida e nas relações humanas. O aconselhamento não pode cair no individualismo ou ser presa da ingenuidade e ficar à mercê de ideologias estranhas da sociedade, diz Hoch (1998, p. 27-30).

Olhando para a história da Igreja, constatamos com alegria que, através da Teologia da Libertação, Ela voltou sua atenção, principalmente para o contexto da pobreza e da opressão. A Teologia da Libertação, por muito tempo, se ocupou do pobre como ser político, reconhecendo e se colocando a serviço de suas necessidades. A opção pelo mundo dos pobres situa o lugar teológico e reconhece os pobres como parceiros de prática da fé. E, isto tem conseqüências pastorais. Quem se propõe exercitar a

prática do aconselhamento pastoral deve expor-se à vida e ao sofrimento daqueles com quem trabalha. Deve “encarnar-se” (Fl 2, 6-8), inserir-se nos porões da humanidade para levar esperança e resgatar a vida. Portanto, é necessário que o conselheiro pastoral saiba abrir mão de sua sabedoria, do seu saber e estar disposto à troca de saberes com aqueles junto aos quais é enviado.

Concordamos com o autor quando diz que a pessoa, criatura de Deus, inserida num contexto mais amplo, é única, mas ao mesmo tempo é responsável pelos seus atos e livre de tudo que a prende. Ela vive situações únicas e singulares de conflito e de sofrimento. O aconselhamento como processo de libertação e de superação dos conflitos e sofrimentos deve contribuir para que a Cruz, símbolo de entrega, de confiança, de doação total seja conhecida e integrada em sua prática na vida das pessoas. O aconselhamento pastoral é responsável para que ela, a Cruz “[...] seja reinterpretada como símbolo prene de libertação.” (HOCH, 1989, p.30).

Entendido desta forma, à medida que o aconselhamento pastoral sair do restrito espaço de quatro paredes, ele rompe com o estabelecido e procura estar junto às pessoas empobrecidas através de caminhos que integrem e façam acontecer uma transformação pessoal e estrutural. Ele assume uma tarefa conscientizadora sobre as estruturas opressivas que são geradoras dos problemas sociais. Ele se caracteriza pela postura de anúncio e de denúncia profética. Ele denuncia e esclarece as verdadeiras causas e as conseqüências da opressão. E ao mesmo tempo ele anuncia o “novo” (Isaiás 65,17-25), uma realidade que garante vida digna para as pessoas, o grande sonho de Deus (HOCH, 1989, p.30).

Esta postura não anula o aconselhamento individual nem afirma que ele não seja mais necessário. O aconselhamento pastoral continua sendo uma prática pastoral importante e séria, exigindo que o conselheiro, com propósitos libertadores, mantenha contatos individuais

e grupais com as pessoas em sofrimento. Ele deve respeitar a situação real e concreta de cada um e intervir para que a pessoa assuma responsabilidade pessoal para superar a crise e para discutir problemas coletivos. Ao discutir os problemas coletivos vai encontrando estratégias de superação dos problemas pessoais e sociais, respectivamente.

Ouvir e falar são dois aspectos importantes no aconselhamento pastoral. Ouvir o outro, na opinião do autor, é uma atitude de respeito que permite a pessoa reconstituir-se e reconstruir a sua história em todos os níveis: econômico, social, político, religioso, entre outros. Falar é expressar em palavras o clamor sufocado de quem sofre. Ele deve contribuir para que o grito dos oprimidos se prolongue na organização contra a opressão; deve ajudar a organizar a luta pela transformação da realidade injusta e opressora, causadora do sofrimento humano. (HOCH, 1989, p. 35).

O aconselhamento pastoral libertador necessita de uma adequada metodologia; uma metodologia dialética que leve em consideração a palavra e ação do sujeito. Essa prática começa pelo sofrimento imediato e cotidiano dele e ajuda a indicar a relação que existe entre a situação pessoal e a realidade estrutural dentro da qual ele está inserido. O aconselhamento precisa estabelecer sua competência e delimitar seu campo de ação. Precisa contribuir para que o crescimento integral da pessoa se abra para áreas negligenciadas até o momento e acompanhar os agentes pastorais. (HOCH, 1989, p. 38).

2.2 O aconselhamento pastoral na Igreja Católica

No âmbito da Igreja Católica o “aconselhamento pastoral está dissolvido nas diferentes pastorais voltadas a grupos específicos” e é pouco conhecido e praticado. Em nível de Igreja latino-americana, começa a apontar como possibilidade a partir da experiência da Teologia da

Libertação que incorpora o contexto social, a questão cultural, a étnica e outras. Na realidade em que:

[...] as opressões têm muitos rostos exige-se que o teólogo ou agente de pastoral seja companheiro em todos os momentos cruciais da vida do povo (sofredor, especialmente naquelas áreas onde a pobreza desestrutura as pessoas por dentro. [...] (HOCH, 1989, p.20).

Entendemos também que a posição de Libânio, quando se refere aos desafios levantados pelo contexto social, esmagador das pessoas, reforça a necessidade do aconselhamento pastoral na Igreja Católica. (LIBANIO, 1998, p.52). Que começa timidamente nosso meio.

A recente publicação *dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde* (CINÀ, 2000, p. 1098-1105) enriquece o aconselhamento pastoral na Igreja Católica, pois o reconhece como um ministério da comunidade realizado através da relação entre um agente de pastoral competente e uma pessoa que procura ajuda para superar dificuldades e crescer em nível pessoal, interpessoal e espiritual. Como diaconia, ele é um meio pelo qual o amor de Cristo chega à pessoa para libertar, reconciliar e curar. A tarefa do aconselhador de ajudar pessoas assoberbadas por problemas existenciais, emotivos e espirituais nem sempre foi considerada com a mesma atenção em nossa Igreja como a direção espiritual. Foi confiada às disposições naturais e à boa vontade dos agentes pastorais com pouca ou nenhuma preparação para uma missão tão importante e responsável.

Sabemos que a direção espiritual sempre buscou a santidade da pessoa, ajudando-a a abrir-se à graça. O aconselhamento pastoral procura acompanhar as pessoas para enfrentar positivamente os seus problemas (luto,

falência, medo da morte, solidão, dúvidas, entre outros). Ele se distingue do aconselhamento psicológico e os elementos que lhe dão singularidade:

Preparo do agente de pastoral (em filosofia, teologia, ética, religião, psicologia); papel simbólico e social; o contexto e o lugar em que se realiza o aconselhamento pastoral; os recursos religiosos (o uso da Sagrada Escritura, da oração, da sabedoria da tradição...); o objetivo final (o crescimento espiritual). (CINÀ, 2000, p. 1098-1105).

A psicologia oferece um conhecimento real da pessoa e as motivações que a levam a assumir determinado comportamento. Ajuda também o conselheiro a distinguir a verdadeira espiritualidade das manifestações patológicas, orientando-o para ser verdadeiro consigo mesmo. Ajuda o conselheiro a evitar projeções sobre as pessoas e propõe inovações na metodologia da relação e do diálogo.

O aconselhamento pastoral pode ser praticado formal ou informalmente. É formal quando estruturado segundo normas e metodologias particulares. É informal quando a “ajuda” acontece em um só encontro, ocasionalmente. Embora apresentem notáveis diferenças, eles têm em comum a perspectiva teológica, as atitudes do conselheiro e as habilidades técnicas.

O processo do aconselhamento pastoral, como vimos anteriormente, é vivido em três fases: acolhimento, discernimento e ação. Na *fase do acolhimento* o conselheiro possibilita criar um relacionamento interpessoal autêntico no qual a pessoa necessitada se sinta acolhida, tomada em consideração, compreendida, respeitada e amada. A *segunda fase é a do discernimento*. Ela visa ajudar a pessoa a descobrir as causas da situação problemática e a reconhecê-las como parte de sua vida, assumindo a responsabilidade por elas. O conselheiro pastoral deve

realizar o confronto, a auto-revelação e a prontidão. No momento do confronto, a pessoa é colocada diante da situação que vive e pode ver os aspectos positivos e negativos, a coerência e as contradições. No momento da auto-revelação, o conselheiro, com liberdade, comunica aspectos pessoais, opiniões, experiências, situações existenciais, tendências, sentimentos, entre outros. Através da atitude da prontidão a pessoa é conscientizada da maneira como se relaciona com o conselheiro. A terceira fase é *fase da ação*. É fase da mudança do modo de ser e agir da pessoa, superando a crise, tornando-se autônoma na administração de sua vida, pois o aconselhamento pastoral não tem a pretensão de criar dependência. Antes, busca “[...] articular redes de apoio nas crises.” (SHEUNEMANN, 2003, p. 45-80).

Tudo o que falamos até aqui é importante. Porém, sabemos que a relação pastoral de ajuda ou aconselhamento pastoral, praticada ao longo dos anos, encontrou muitas resistências nos países latinos, onde, de modo geral sempre se buscou mais a direção espiritual, priorizando-se a santidade da pessoa, ajudando-a a abrir-se à graça. É bonito reconhecer que tanto a relação de ajuda como o aconselhamento pastoral são “[...] formas de acompanhamento em que os agentes de pastoral agem em nome do Senhor” sempre presente no encontro, e a perspectiva é a salvação.” (CINÀ, 2000, p. 1098).

Importante reconhecer que o movimento em direção ao aconselhamento pastoral tão necessário e propício ao crescimento pessoal, até pouco tempo, era quase inteiramente uma experiência protestante. (MAY 1986, p.12). (OLIVEIRA, ROSSI, WANDERLEY, 1980), afirmam que o “[...] aconselhamento moral e espiritual é um ministério que recupera toda a atualidade e restaura a dignidade das pessoas.” Contudo, a Igreja Católica negligencia tal ministério (BARRY; CONNOLLY, 1987, p. 143).

A história eclesial constata que, nós, Igreja Católica,

nos inclinamos com mais afinco às práticas do *acompanhamento, orientação e/ou direção espiritual*. Três termos que expressam a mesma prática religiosa na linha do cultivo e crescimento interior. Refere-se ao processo feito no contexto da fé e do relacionamento interpessoal entre duas pessoas (acompanhante, orientador ou diretor que ajuda e, uma pessoa que deseja ajuda para crescer) que se prestam ajuda mútua tendo como objetivo explícito o crescimento espiritual.

2.2.1 Acompanhamento, orientação e/ou direção espiritual

A orientação espiritual acontece em situações concretas em que pessoas buscam auxílio, assistência, atenção ou expressam um desejo por facilitar o processo de sua formação espiritual. Quando a orientação espiritual acontece numa relação formal e particular é chamada de direção espiritual (MAY, p.12), cujo objetivo é o *crescimento espiritual da pessoa* (BARRY; CONNOLLY, 1987, p. 19).

A direção espiritual se propõe a ajudar a pessoa no processo de relacionamento pessoal com Deus, a fim de que se sinta em condições de assumir as conseqüências desse relacionamento. Portanto, requer uma visão nova dos acontecimentos e da realidade, levando ao *esclarecimento e discernimento* sobre questões importantes da vida humana.

A prática da direção espiritual, continuam os autores, capacita a pessoa a prestar atenção à sua comunicação pessoal com Deus intensificando sua união com Ele. Ajuda a perceber o que acontece dentro de si quando está com o outro, partilhando reações, descrevendo sentimentos e atitudes profundas do seu ser; a partilha com a comunidade, através de encontros periódicos, impede a pessoa o fechar-se sobre si mesma.

Na direção espiritual, são partilhados a história de vida, de esperanças e o desejo de superação das dificuldades e angústias da pessoa. Ela envolve a pessoa

do dirigido e o diretor que escuta com empatia e atenção, ajudando com esclarecimentos. O diretor espiritual precisa cultivar atitudes de autoconfiança, cultivo da oração, da escuta, da tolerância face a experiências dolorosas e um profundo e autêntico amor pelos outros; enfim, precisa estar atualizado e ter uma sólida base de conhecimentos teológicos e noções de psicologia. (BARRY e CONNOLLY, 1987, p. 136).

Segundo May, a essência da orientação ou a direção espiritual consiste no desejo da pessoa querer ser solidária com os outros, prestar-lhe sua ajuda pela escuta e direção para a vida. Contudo, ao analisarmos as diferentes definições e distinções sobre o assunto, devemos lembrar que estamos usufruindo experiências que foram construídas ao longo de uma grande história percorrida com muitos sofrimentos, perseguições e equívocos e até, muitas vezes, ao uso incorreto dos mesmos. Pois sabemos que tanto a orientação espiritual quanto a direção objetivam acompanhar as pessoas para que possam dar sua resposta pessoal, livre e responsável à vontade de Deus (MAY, 1986, p.9).

Normalmente, a orientação espiritual era tarefa de sacerdotes ou religiosos reconhecidos como “mestres”. Com a moderna redescoberta da importância da orientação espiritual, foram também admitidos no ministério da orientação espiritual leigos e mulheres “religiosas” (pessoas consagradas na vida religiosas pela profissão dos votos). Para evitar conotações autoritárias, muitas pessoas preferem o termo “amigo espiritual”, termo que também tem seus riscos, pois trata-se de algo muito superior do que uma amizade. A orientação espiritual embora não seja um privilégio das pessoas de vida religiosa consagrada ou sacerdotal, é pouco conhecida ou buscada pelos cristãos em geral. Ela também é identificada como acompanhamento espiritual.

Para Gonzalez, é muito difícil dar uma resposta exata sobre o que é o acompanhamento. Para os padres apostólicos tratava-se da “arte das artes”. Uma tarefa

delicada, tarefa de ajudar os irmãos a crescer na docilidade ao Espírito Santo, criando beleza, liberdade, crescimento e verdade. Como o Espírito é criativo, não existe um único modo de fazê-lo e as pessoas que o procuram também são muito diferentes, seja pela sua formação ou pela visão das coisas. É um processo que consiste em partilhar a história de vida, as esperanças e as frustrações. É um serviço radical que toma tempo e esforço para explicitar o Cristo na história, na vida e nos sonhos da pessoa acompanhada de tal modo que possa chegar à maturidade de Cristo (GONZALEZ, 1995).

O acompanhamento exige carisma, habilidade e experiência para intervir no processo de crescimento da pessoa, continua o autor. É um caminho pedagógico, processo gradativo que requer do acompanhante a capacidade de escuta, de acolhida e de deixar-se tocar por aquilo que o acompanhado é e vive. A tarefa do acompanhante exige preparação ampla, porém quando se associa somente à tarefa do psicólogo ela empobrece a realidade, continua Gonzalez. Como mestre e testemunho do amor de Deus o acompanhante tem a tarefa de convidar o acompanhado para a vida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos de suma importância o trabalho do aconselhamento pastoral Protestante e da Orientação Espiritual na Igreja Católica, pois possibilita um diálogo entre as duas experiências e permite reconhecer possíveis contribuições para um trabalho pastoral libertador.

Ambas as experiências se propõem à libertação e à cura das pessoas em situações problemáticas, possibilitando-lhes tornarem-se autônomas na administração da sua vida, fortes para enfrentarem momentos difíceis e mais orientadas no processo de crescimento humano e espiritual.

Há pontos de aproximação e/ou de divergência entre

as duas experiências pastorais: além de buscar a libertação, a cura e o crescimento das pessoas, são experiências inspiradas nos gestos e atitudes de Jesus libertador, que vai ao encontro das pessoas necessitadas. A dimensão do aconselhamento pastoral culturalmente sensível e contextualizado da Igreja Protestante é indicado e assumido pelas pastorais sociais, da Igreja Católica. É um processo coletivo de enfrentamento da realidade opressora. O aconselhamento pastoral na Igreja Protestante é reconhecido e assumido como *diaconia* da comunidade junto às pessoas necessitadas. Como divergência entre as experiências, apontamos a negligência da Igreja Católica em relação ao aconselhamento pastoral, deixando-o à mercê da boa vontade dos agentes de pastoral, priorizando a formação de diretores espirituais.

O estudo dos modelos de aconselhamento pastoral nas Igrejas Protestantes também nos mostrou uma enorme riqueza que esta experiência concentra. Os diferentes aspectos revelam uma prática pastoral aberta, onde se faz um processo e se busca um relacionamento dialogal com as pessoas. Outra riqueza que destacamos é a integração da psicologia na prática pastoral, preocupando-se em preparar e atualizar constantemente os agentes para interagir qualificadamente com as pessoas em situações de crise. Destacamos também a importância do modelo de aconselhamento pastoral em que o cristianismo entra em diálogo com outras culturas numa postura autocrítica. Apontamos ainda o valor do trabalho pastoral contextualizado em que o aconselhamento pastoral se encarna na realidade de sofrimento, possibilitando assumir a cruz do povo oprimido em vista da sua libertação. Verificamos ainda a riqueza das dimensões espiritual, educativa e grupal do aconselhamento, buscando de fato um aconselhamento libertador.

Com relação à experiência pastoral na Igreja Católica, verificamos que a sua riqueza está na atenção que dá à vida interior e espiritual da pessoa, através de práticas

como a meditação, a imaginação ativa e a oração centralizadora. Transparece uma preocupação em priorizar uma espiritualidade libertadora existencial que favoreça um processo de libertação integral da pessoa, buscando ajudar as pessoas para que possam viver em harmonia consigo mesma e abrir-se para as necessidades do próximo, em atitude de compaixão e de solidariedade cristã.

Verificamos que a experiência da prática de direção e da orientação espiritual contempla mais as pessoas de vida religiosa e sacerdotal ou em formação. Esta experiência, não consegue atingir e responder à realidade do povo em geral. Nesta experiência, o aspecto “diretor e dirigido”, tem uma conotação hierárquica e autoritária, sinalizando, nas entre linhas, uma atitude diretiva nas relações da Igreja. Por isso, a orientação espiritual corre o risco de tornar-se um instrumento de controle das pessoas, especialmente dos jovens formandos, nas casas de formação (noviços, seminaristas). Esta questão deve ser repensada.

Concluimos, que as Igrejas devem continuar sua caminhada, buscando pastoral inculturada, dialogal, profética e ecumênica, aberta aos sinais dos tempos. As Igrejas Protestantes têm muita experiência e muitos valores para partilhar e enriquecer a pastoral da Igreja Católica, especialmente no que se refere à prática do aconselhamento pastoral. A Igreja Católica tem para partilhar uma enorme riqueza da mística e da espiritualidade libertadora.

As diferentes perspectivas de aconselhamento pastoral indicam elementos importantes a serem considerados na proposta de um modelo de aconselhamento pastoral para o povo empobrecido, ressaltamos a importância do trabalho pastoral ser sensível ao contexto social, respeitando e trabalhando os diferentes aspectos culturais. Outro elemento é a busca de uma espiritualidade holística, aberta e libertadora, incluindo os aspectos educativos e grupais que ajudam as pessoas e as capacita

através de um processo aberto e contínuo que pode contribuir para criação de novos relacionamentos capazes de mudar a realidade social que oprime.

A história de cada pessoa não pode ser vista isoladamente. O aconselhamento pastoral, formal e informalmente, precisa possibilitar a vivência grupal, levando os participantes a descobrirem e integrarem a comunidade cristã, tornando-se solidários uns com os outros e atuando como parceiros iguais. Isto possibilita que a proposta do Evangelho se concretize e se “encarne” na vida, na comunidade e na sociedade.

O aconselhamento deve ser “encarnado” na realidade, ter os olhos abertos para o contexto familiar, educacional, religioso, cultural, reconhecendo a estrutura humana dilacerada e apontar recursos internos e externos que possibilitem o resgate da dignidade humana. Deve ter uma proposta clara do perfil de liderança que desejamos formar para a Igreja e para a sociedade.

O aconselhamento ainda é pouco conhecido e pouco se escreveu sobre o assunto, principalmente na Igreja Católica. Vivemos tempos de mudanças rápidas e profundas que influenciam o ritmo das pessoas e instituições, exigindo redefinições a cada novo momento da história. A Igreja, enquanto instituição humana, também experimenta este processo de mudanças que se manifesta de diferentes modos, com implicações na vida pessoal e dos grupos. As expressões da religiosidade sofreram alterações significativas no meio do povo. Sentimos a necessidade de uma mística profunda e inculturada, capaz de romper as estruturas do individualismo que sufocam o núcleo do sagrado que está em cada ser humano, capaz de comunicar a própria experiência de comunhão com a Trindade, abrindo-o para o serviço aos irmãos.

A religião necessita de criatividade para enfrentar o imediatismo, a superficialidade e a informatização que dificultam ou impedem-nos de estabelecer relações mais profundas conosco mesmos, escutando a voz interior e

entrando em contato com a Trindade que habita o íntimo de cada um de nós. O aconselhamento é uma relação de ajuda que, à luz da fé, possibilita libertação, cura e reconciliação. A Igreja precisa organizar-se, capacitar seus agentes para poder oferecer um acompanhamento personalizado ao povo.

A mística e a espiritualidade trinitárias são fontes que alimentam a vida humana e a estimulam a superar o individualismo e a fragmentação. É um processo de abertura a Deus e aos outros, é uma atitude de diálogo, de solidariedade, pela vivência do amor e da fraternidade. A espiritualidade é um modo de viver que proporciona paz e unidade interior, reconhecendo e testemunhando a presença de Deus no meio dos homens, da comunidade, na natureza e a comprometer-se com a construção do "outro mundo" que "é possível" para quem tem fé.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Márcio Fabri dos. **Teologia da inculturação e inculturação da Teologia**. Petrópolis : Vozes, 1995. 132 p.

BARRY, William A., CONNOLLY, William J. **A prática da direção espiritual**. São Paulo : Loyola, 1987. 205 p.

BOBSIN, Oneide, ZWETSCH, Roberto (Orgs.). **Prática cristã: novos rumos**. São Leopoldo : Sinodal, 1999. 207 p.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1998. 427p.

CINÀ, Giuseppe, LOCI, Efísio, ROCCHETTA, Carlo. **Dicionário interdisciplinar da Pastoral da Saúde**. São Paulo: Paulus, 1999. 1407p.

ERIKSON, Erik H. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. 213p.

GONZALEZ, Álvaro. **A arte de acompanhar**. Manaus, 1995. Não publicado.

HOCH, Lothar Carlos. Aconselhamento pastoral e libertação. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 29, n. 1, p. 17-40, 1989.

_____. Comunidade terapêutica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Fundamentos teológicos do aconselhamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 21-33.

_____. **Evangelho e emoção**. Teologia em debate, Porto Alegre, v. 01, n. 01, p. 12-47, 1999.

_____. Psicologia a serviço da libertação: possibilidades e limites da psicologia e na pastoral de aconselhamento. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 20, n. 2, p. 249-269, 1980.

LIBÂNIO, João Batista. Medellín, trinta anos depois. **Convergência**, São Paulo, n. 311, p. 143-154, 1998.

MAY, Gerald G. **Saúde da mente, saúde do espírito**. São Paulo: Paulinas, 1986. 123 p.

MULLER, Iára. **Aconselhamento com pessoas portadoras de deficiência**. São Leopoldo: Sinodal, 1999. 139 p.

OLIVEIRA, Francisco, ROSSI, Valdemar, WANDERLEY, Luís Eduardo. **Pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 1980. 104p.

PERESSON, Mario L. T. Educar desde las culturas populares. **Cuadernos de educación y cultura**, n. 4, IV Simposio de Renovación Educativa. Santafe/Bogotá: Talleres de Dimension Educativa, 1994. 149 p.

SCHIPANI, D. S. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004. 122 p.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Fundamentos teológicos do aconselhamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1998. 92 p.

_____. Aconselhamento pastoral e diversidade cultural, **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 37, n. 01, p. 73-91, 1997.

_____. Aconselhamento pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 291-319.

SUESS, Paulo. Questionamentos e perspectivas a partir da causa indígena. In: BRANDÃO, Carlos R. et al. **Inculturação e libertação: semana de Estudos Teológicos**. São Paulo: CNBB; CIMI, 1986, p. 160-175.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1972. 146 p.